

Doi: <https://doi.org/10.17058/rzm.v14i2.20672>

# DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS EM ESPAÇOS ONLINE NA DIFUSÃO DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COM PERSONAGENS LÉSBICAS

DINÁMICAS SOCIOCULTURALES EN ESPACIOS EN LÍNEA QUE DIFUNDEN PRODUCCIONES AUDIOVISUALES CON PERSONAJES LESBIANAS

SOCIOCULTURAL DYNAMICS IN ONLINE SPACES THAT DISSEMINATE AUDIOVISUAL PRODUCTIONS FEATURING LESBIAN CHARACTERS



**Ana Julia Della Mea Lotufo<sup>1</sup>**

**Flavi Ferreira Lisboa Filho<sup>2</sup>**

**Resumo:** Ancorados nos Estudos Culturais teórica e metodologicamente, apresentamos espaços online que são produzidos por e para pessoas que têm interesse em produtos midiáticos com personagens lésbicas. Para isso, observamos três plataformas online e percebemos que essas se encaixam em uma forma de ativismo online, já que utilizam estratégias de mobilização para promover diálogos sobre a temática da representação midiática LGBTQIAPN+ e acabam criando, entre os participantes, dinâmicas sociais que resultam em redes de afetos online.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais. Lésbica. Dinâmicas sociais.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria – (UFSM) – Rio Grande do Sul - Brasil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria – (UFSM) – Rio Grande do Sul - Brasil

**Resumen:** Anclados teórica y metodológicamente en los Estudios Culturales, presentamos espacios en línea que son producidos por y para personas interesadas en productos mediáticos con personajes lésbicos. Para esto, observamos tres plataformas en línea y percibimos que estas se inscriben en una forma de activismo digital, ya que utilizan estrategias de movilización para promover diálogos sobre la representación mediática LGBTQIAPN+. Estas dinámicas terminan generando interacciones sociales entre los participantes que resultan en redes de afectos en línea.

**Palabras chaves:** Estudios Culturales. Lesbianas. Dinámicas sociales.

**Abstract:** Anchored theoretically and methodologically in Cultural Studies, we present online spaces that are created by and for people interested in media products featuring lesbian characters. To this end, we examined three online platforms and observed that they fit within a form of online activism, as they employ mobilization strategies to foster dialogue on LGBTQIAPN+ media representation. These dynamics ultimately generate social interactions among participants that result in networks of online affect.

**Key-words:** Cultural Studies. Lesbian. Social Dynamics.

## Introdução

O presente trabalho é fruto de um recorte da tese intitulada ‘Entendidas, caminhoneiras, sapatonas: as representações midiáticas de mulheres lésbicas no cinema brasileiro’, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e defendida em 2025, com o objetivo de analisar como são representadas as mulheres lésbicas no cinema comercial brasileiro. Nesse sentido, apresentamos aqui como as plataformas *online*, produzidas por pessoas que têm interesse nessa temática, auxiliaram no processo de mapeamento<sup>3</sup> de filmes brasileiros que têm personagens mulheres que se relacionam amorosamente com outras mulheres. Esses espaços *online* se mostraram de grande valia para que fosse possível delimitar o *corpus* da pesquisa. Como nosso recorte temporal para a pesquisa da tese foi a partir da década de 1960, os desafios de buscas desses títulos foram

---

<sup>3</sup> O mapeamento citado foi realizado nesses espaços online entre 25 de maio de 2022 até 01 de julho de 2023.

imensos, dessa forma, ao encontrar esses espaços, onde existem listas de filmes, séries, novelas, produções audiovisuais no geral, conseguimos ter um ponto de partida e de apoio que foi definidor para a nossa pesquisa.

Diante disso, neste artigo nos dedicamos a apresentar espaços *online* que são produzidos por e para pessoas que têm interesse em produtos midiáticos com personagens lésbicas e como eles acabam criando dinâmicas sociais entre os participantes. Para isso, utilizamos como metodologia a análise cultural midiática com base no protocolo analítico proposto por Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2020).

## **Discussões teóricas**

O contexto brasileiro pós-ditadura militar foi o momento em que começou a haver maior articulação de movimentos sociais, alterando-se as relações entre sujeitos. Embora as lutas não sejam exatamente as mesmas que as atuais, foi naquele período que muitos movimentos sociais emergiram e começaram a ganhar força. O registro dessas palavras iniciais são fruto do pensamento desenvolvido por Gohn (2010) e que, neste momento, serve para que possamos situar como se desenvolveram as lutas por direitos e qual sua relação com o contexto midiático e o digital.

Ao tratar do contexto brasileiro pós-ditadura, Gohn (2010) apresenta diversos movimentos sociais, considerando diferenças desses em relação aos movimentos do passado. Uma das faltas apontadas pela autora é com relação à identidade dos movimentos, uma vez que, no passado, eram mais ideológicos e, na atualidade, mostram-se mais vinculados a marcas identitárias (cor, gênero, raça, sexualidade, etc.) e discutem as questões públicas, buscando a promoção de modelos organizacionais condizentes com as necessidades da sociedade brasileira. Outro aspecto relevante apontado por Gohn (2010) é que, anteriormente, os movimentos eram pautados pela luta para ter direitos reconhecidos, já, hoje, a busca passa a também estar relacionada ao reconhecimento e respeito das diferenças e particularidades individuais, como o que ocorre em movimentos identitários.

É nessa mesma perspectiva que se aproxima o pensamento de Facchini (2009) sobre o movimento LGBTQIAPN+ brasileiro, para quem:

(e)n quanto boa parte dos movimentos sociais que foram mais visíveis nos anos 1980 experimenta um processo de “crise”, o movimento LGBT não apenas cresce em quantidade de grupos e diversifica os

formatos institucionais, como também amplia sua visibilidade, sua rede de alianças e espaços de participação social (FACCHINI, 2009, p.139).

Essa ampliação de visibilidade do movimento LGBTQIAPN+ tem se dado a partir de diversas estratégias, como a *incidência política* e a promoção de *visibilidade massiva*. Isso auxilia em avanços e conquistas em diversos espaços sociais, entretanto as dificuldades ainda se revelam, por exemplo, no âmbito judiciário, onde ainda são poucas as leis que protegem e garantem os direitos de pessoas LGBTQIAPN+ (FACCHINI, 2009).

Ainda vale destacar que o aumento de visibilidade do movimento LGBTQIAPN+, trouxe a atenção de pessoas dos mais variados contextos sociais brasileiros para as pautas que são reivindicadas. Isso facilitou a criação de grupos de apoio. Entretanto, o “mesmo não se pode dizer a respeito do processo de afirmação de especificidades e de complexificação do sujeito político, que toca mais diretamente questões centrais como “representatividade” e a busca por reconhecimento” (FACCHINI, 2009, p.140). As plataformas *online*, por possibilitarem a produção de conteúdo individual e por terem se constituído num espaço de veiculação dos mais variados processos de autorrepresentação, são um dos espaços midiáticos em que as representações identitárias podem ser viabilizadas com maior representatividade.

Com as tecnologias digitais cada vez mais em expansão, podemos pensar em suas potencialidades para a construção de um espaço cidadão, utilizado para discussões a respeito de mobilizações e mudanças sociais. Conforme aponta Martín-Barbero (2014, p.24), “a tecnologia digital está configurando nossos modos de habitar o mundo e as próprias formas do laço social”. Nesta perspectiva, se pensarmos nas tecnologias digitais, a possibilidade de termos diversas perspectivas sobre uma mesma pauta é maior, pois no *online* é mais fácil e rápido o próprio indivíduo produzir conteúdo de acordo com sua opinião/visão, o que também pode trazer problemas (como a disseminação de discursos de ódio e *fake news*, por exemplo).

Ao considerar essa possibilidade de apropriação cidadã das tecnologias digitais não podemos esquecer, no entanto, das empresas que regulam a produção, o acesso e a circulação de suas lógicas, em dinâmicas identificadas como plataformação da sociedade (Van Dijck, 2018). As plataformas digitais, em suas regulações próprias, acabam por condicionar quem serão os indivíduos que têm a possibilidade de terem suas vozes escutadas e, até mesmo, replicadas por meio de interações e compartilhamentos. Ainda assim, o potencial individual possibilitado pelas redes, que pode tomar proporções globais, ajuda a ampliar a representatividade de grupos minoritários. Os movimentos e coletivos sociais de resistência na

rede estão cada vez mais em evidência e essas ações podem ajudar a promover um bem comum para diversos grupos sociais. Desse modo, “a comunicação e as tecnologias adquiriram uma importância nos movimentos sociais que antes não tinham”<sup>4</sup> (RUEDA ORTIZ, 2012, p.102, tradução nossa).

Essa capacidade de articular movimentos deve-se muito ao surgimento e ao fortalecimento de plataformas como Facebook, Twitter, Whatsapp, YouTube, entre outras.

Diante do cenário e das possibilidades de ampliação de ‘voz’ dos indivíduos, devemos entender, conforme a perspectiva de Rueda Ortiz (2012), que as tecnologias funcionam como dispositivos de socialização, indo muito além de serem apenas infraestruturas, comportando subjetividades nos novos cenários que se constituem. Para a autora, é necessário ponderar três aspectos fundamentais para pensar as comunidades formadas nas redes, são eles: (1) laços sociais de ‘amizade’ e ‘afeto’; (2) o criar, participar e compartilhar como modo de produção de conteúdo e informação; (3) uma relação territorial e virtual convergindo em uma simultaneidade espacial. Esses aspectos permeiam as relações que acontecem nas redes e podem ser amplamente decisivos para a consolidação da força de atuação das comunidades em rede.

Combinados com os três aspectos fundamentais elucidados por Rueda Ortiz (2012), podemos somar ao que Couldry (2012, p. 110) sinaliza, citando Sara Bentivegna, como potenciais democráticos da internet. São eles: “‘interatividade’, ‘co-presença’, ‘desintermediação’, redução de custos, ‘velocidade’ e a falta de limites” (COULDY, 2012, p. 110). Essas características da mídia digital possibilitam que haja encontros e organizações com pessoas que não conhecemos, e assim, a grande velocidade das redes ultrapassa fronteiras e facilita a formação dos laços sociais que geram sentimentos de pertencimento, das participações e colaborações para produção e criação de conteúdos e a possibilidade do virtual transbordar para o territorial e gerar uma simultânea rede espacial.

Quando entendemos como as perspectivas de associações se dão nas redes e ultrapassam as redes, devemos também salientar, conforme Martín-Barbero (2014, p.23), que “os processos de globalização têm reavivado a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – a ponto de convertê-las em protagonistas de grande parte dos conflitos internacionais”. A globalização como processo de inclusão/exclusão acaba convertendo “a cultura em espaço estratégico de compressão das tensões que rompem e

---

<sup>4</sup> “la comunicación y las tecnologías han adquirido una importancia en los movimientos sociales que antes no tenían.” (RUEDA ORTIZ, 2012, p.102)

recompõem o estar juntos e em ponto de encontro de todas suas crises políticas, econômicas, religiosas, étnicas, estéticas e sexuais” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.23/24).

Dessa forma, uma vez que se está tratando de diferentes sujeitos, com realidades diversas unidos por objetivos comuns, dentro da possibilidade das comunidades criadas em rede, as ações e mobilizações com finalidade social criam espaços menos fixos, sem territorialidade estabelecida. É assim que Rueda Ortiz (2012) caracteriza essas ações em rede, ainda que, muitas vezes, elas não estejam sendo organizadas para promover transformações em suas localidades, elas acabam tendo grande força, fazendo com que os modelos culturais e político institucionalizados passem por questionamentos. E, nesse sentido, participam de maneira ativa em diferentes contextos e fazem associações ambíguas e ecléticas para fazer resistência a ideais hegemônicos.

Sobre a diferença das ações em rede e dos movimentos sociais já constituídos, a autora considera que as ações podem não se enquadrar a um só tipo de reivindicação, por mais que busquem, também, contrapor a discursos historicamente construídos, como por exemplo, existe muita diferença entre o movimento indígena e o das mulheres, por mais que os dois movimentos tenham em comum a busca por mais espaço e poder de ação junto à sociedade. Já as ações em rede “são articulações parciais que podem se repetir temporalmente sem que haja uma identificação total com suas lutas e reivindicações; ou seja, são mais ‘ativistas sociais’ que membro de um movimento social propriamente”<sup>5</sup> (RUEDA ORTIZ, 2012 p.111, tradução nossa). Nesse sentido, as ações em rede e os movimentos sociais são diferentes entre si, quer por sua duração ou pelas diferentes maneiras de atuação.

Por fim, cabe observar que as tecnologias digitais configuraram um campo aberto de conhecimentos de onde emergem diversas ações políticas e sociais ao mesmo tempo em que se estabelecem subjetividades. Assim, percebemos que as redes abriram a possibilidade de qualquer indivíduo, coletivo ou movimento social, que tenha acesso ao *online*, poder produzir conteúdo a partir de sua própria perspectiva. Então, isso possibilitou a adaptação das formas de lutas, criando e recriando a maneira como as ações ativistas começam, mantém-se e reinventam-se por meio das redes e por causa delas.

---

<sup>5</sup> “son articulaciones parciales que pueden repetirse en el tiempo sin tener una identificación total con sus luchas y reivindicaciones; es decir, son más “activistas sociales” que integrantes de un movimiento social como tal.” (RUEDA ORTIZ, 2012 p.111)

Com base em Ugarte (2008), o ativismo *online* está baseado em três vias unidas que refletem a ideia de participar da construção de empoderamento às pessoas. Esses três elementos são: a) discurso; b) ferramentas; c) visibilidade. O discurso está relacionado ao empoderamento pessoal e se manifesta através “de relatos de indivíduos ou pequenos grupos com causa que transformam a realidade com vontade, imaginação e engenho” (UGARTE, 2008, p. 41). As ferramentas referem-se à possibilidade de tornar viável que a mensagem se difunda na rede. A visibilidade é o elemento que se relaciona com o alcance da mensagem e assim, esse elemento deve se integrar com as ferramentas e ser idealizado “para que as pessoas, mediante pequenos gestos, possam se reconhecer em outras pessoas como elas” (UGARTE, 2008, p. 42) e isso se dá por meio do discurso.

Entretanto, há casos de apagamentos identitários, falta de visibilidade e silenciamentos e, nesse cenário, a função dos audiovisuais se mostra essencial na ressignificação das representações de pessoas LGBTQIAPN+.

Na interpretação de Woodward (2000) os sistemas de representações englobam todas as práticas e sistemas simbólicos, sendo que os discursos têm papel primordial para moldar e direcionar nossas ideologias. Dessa forma, representar algo aciona elementos interpretativos que são particulares e dependem de elementos culturais, históricos e sociais que cada indivíduo tem em sua vida para que seja gerada uma interpretação sobre determinado fato ou grupo representado.

Nesse cenário, traremos a seguir exemplos de pesquisas acadêmicas que buscaram entender as representações midiáticas de pessoas LGBTQIAPN+. No que diz respeito às telenovelas, por exemplo, é comum que as relações entre pessoas do mesmo sexo, quando são incorporadas nesse produto midiático, “também produzem um chamado à identificação” (BELELI, 2012, p.117), entretanto, não há uma problematização com relação às identidades homossexuais, pois esse chamado, embora estendido aos grupos minoritários, apenas informa “quem você é, o que você pode ser e quem você gostaria de ser” (BELELI, 2012, p.118), a partir da ótica dos produtores que não excluem, mas não problematizam as identidades desses grupos.

Já Colling (2007), ao observar a representação dos personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo no período de 1974 a 2007, observa que, de modo geral, os personagens são classificados a partir de três perspectivas: quando a homossexualidade é apresentada com a criminalidade, quando os personagens são estereotipados da “bicha louca”

e/ou afetados e afeminados, quando os personagens homossexuais aparecem dentro de um modelo que consideramos heteronormativo.

Em uma outra perspectiva, considerando as publicidades de moda, Carvalho e Lisboa Filho (2019) entendem que os audiovisuais publicitários, mesmo que ainda estejam atrelados a modelos hegemônicos de produção, podem beneficiar o mercado contribuindo para um debate sobre questões de gênero e diversidade. Entretanto, ainda que haja em muitos casos apagamento, pouca visibilidade e silenciamento das identidades LGBTQIAPN+, “o papel dos audiovisuais publicitários na ressignificação das representações é essencial enquanto mediador da sociedade contemporânea no que tange às alterações das representações da população LGBTQIA+”, (CARVALHO; LISBOA FILHO, 2019, p. 679). Para isso, os autores ressaltam que deve haver mais espaço, representatividade e lugar de fala para esses grupos dentro das produções audiovisuais publicitárias.

Em uma outra perspectiva, Rodrigues (2022) ao identificar as representações LGBTQIAPN+ na publicidade em TV aberta durante a pandemia de Covid-19, percebeu que

(...) pelo que se pode ver dos comerciais analisados que abordam a temática LGBTQIA+ durante a pandemia pouco se viu refletido do que esse público vivenciou. Os desafios da pandemia se somam a uma estrutural exclusão e estigmatização de pessoas LGBTQIA+ não foi pauta da publicidade (RODRIGUES, 2022, p.226)

Dessa forma, em um período no qual as publicidades se mostram como agentes de divulgação sobre questões relacionadas ao bem comum social, a inserção de pessoas LGBTQIAPN+ se mostrou apenas ‘protocolar’, visto que em nenhum momento foram encontrados elementos que faziam referência a pauta LGBTQIAPN+ na pandemia dentro dos textos publicitários analisados.

Louro (2008) apresenta um histórico da representação da homossexualidade no cinema hollywoodiano. Conforme sinaliza a autora, o filme *De Repente, no Último Verão* (*Suddenly, Last Summer*, 1959) é considerado o primeiro filme dos Estados Unidos, produzido para o cinema comercial, que apresenta um personagem homossexual. Ainda, vale sinalizar que para que sua produção ocorresse, foi necessária uma licença especial da Igreja Católica. De acordo com a sua percepção,

A homossexualidade do personagem, mais do que propriamente exposta ou nomeada, é sugerida pela descrição de seus traços de caráter, é marcada pela afetação, arrogância, excentricidade e, “naturalmente”, acaba punida pela tragédia. Apesar dessas sinalizações, talvez fosse

possível que a alusão à identidade homossexual passasse despercebida para alguns espectadores. Tudo é velado, inconcluso, ambíguo. (LOURO, 2008, p.85)

Já na década de 1960 a temática da homossexualidade deixava de ser ocultada, mas ainda era apontada como um traço danoso que esses personagens representados tinham. Louro (2008) cita dois exemplos dessa situação, no filme Calúnia (*The Children's Hour*, 1962) o enredo gira em torno de duas professoras de uma escola particular que são acusadas por uma aluna de terem uma relação ‘não natural’; em outro caso, o filme Notas Sobre um Escândalo (*Notes on a Scandal*, 2006), mesmo sendo mais atual, segue o mesmo enredo. Ainda, em ambos os filmes a autora aponta para um final danoso das personagens, sendo que “a personagem lésbica ‘termina mal’, seja apelando para o suicídio (por não suportar se reconhecer nessa posição), seja experimentando a repulsa social e buscando, pateticamente, superar a solidão” (LOURO, 2008, p.86).

É evidente que nem todos os filmes que trazem a temática homossexual são trágicos ou dramáticos, algumas vezes percebemos traços caricaturais ou que beiram a ridicularização desses personagens. Na visão de Louro (2008, p.87), na atualidade, temos vários exemplos de filmes que fogem aos padrões citados e “alguns desses filmes se mostram afinados com os discursos construídos no interior dos movimentos sociais ou dos grupos intelectuais das chamadas ‘minorias’ sexuais”. Vale ressaltar que esse fato está alinhado também com questões culturais, sociais, políticas, pois esse movimento de diálogo sobre sexualidades dissidentes ocorre em meios progressistas e acaba se inserindo e sendo inserido pelo cinema, por este ser parte integrante deste processo.

Com essas discussões temos um breve panorama de como são representadas identidades LGBTQIAPN+ na mídia. Isso é um aporte no qual nos baseamos para o entendimento de como as interações *online* constroem afetos a medida que há um elo entre essa produção de conteúdo e as produções midiáticas que são debatidas nesses espaços. Sendo assim, entendemos que as representações midiáticas constituem a cultura ao mesmo tempo em que são constituídas culturalmente e perpassam as questões identitárias dos grupos minoritários, podendo seguir padrões semelhantes aos que já foram sinalizados.

## **Etapa metodológica**

Nosso processo metodológico é centrado na proposta de Raymond Williams (2003) sobre análise cultural e partimos do seu entendimento para fundamentar teoricamente a metodologia da pesquisa que encontra seu aporte nos Estudos Culturais, ainda vale destacar também, que nossa proposta metodológica está enquadrada na trajetória construída pelo Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades, da UFSM, que utiliza a análise cultural-midiática em suas pesquisas.

Então, para entender como a análise cultural-midiática se sustenta teoricamente, devemos compreender que sua origem é a partir da proposta de Williams (2003) sobre análise cultural. A análise cultural, surgida na segunda metade do século XX, é ancorada no materialismo cultural que teve sua criação nos Estudos Culturais a partir da crítica feita por Raymond Williams sobre a ideia de determinismo econômico proposta por Karl Marx.

Observando que o materialismo cultural para Williams (1979) aborda como a ação humana se impõem em relação às forças dominantes e à ideologia, percebemos que o centro desta perspectiva está ancorado na cultura. A cultura é tratada como a manifestação das ações humanas, tendo como foco verdadeiro as vivências dos indivíduos, tudo isso, levando em consideração os papéis sociais que são impostos para cada indivíduo através das relações de dominância que se estabelecem entre as classes sociais.

Sendo assim, a partir da perspectiva de Williams (1979), o materialismo cultural é entendido como a manifestação dos elementos culturais que são carregados de padrões estabelecidos no passado de forma residual. Em outro sentido, o que surge como novo e se opõe ao modelo dominante hegemônico é tratado como uma perspectiva emergente. Já o processo cultural que se estabelece como o padrão de determinada sociedade e é reconhecido pelos indivíduos é chamado de perspectiva dominante. É nesta mesma perspectiva que Civasco (2001) relata que o entendimento do materialismo cultural para Raymond Williams é resultado do amadurecimento dos pensamentos com viés marxista que também estão no cerne dos Estudos Culturais.

Seguindo a perspectiva de Williams (2003), podemos afirmar que existem três níveis de cultura e que “a análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações” (WILLIAMS, 2003, p. 56). Os três níveis de cultura podem ser definidos como: Cultura Vivida, Cultura Registrada e Cultura da Tradição Seletiva. A Cultura Vivida é o que vivemos no presente; a Cultura Registrada são os registros que temos da sociedade, como obras de arte, documentos, audiovisuais, etc. Já a Cultura da Tradição

Seletiva é um mecanismo de incorporação e resgate histórico de práticas do presente no passado. Essas definições são mutáveis, pois assim como as gerações atuais vão se transformando em gerações passadas, a Cultura Vivida também vai se tornando Cultura Registrada e passa a viver através dos registrados materiais que ficam vivos na sociedade. A Cultura da Tradição Seletiva, portanto, é a cultura e os registros históricos de uma sociedade que são mantidos com o passar dos anos. Essas escolhas sempre são demarcadas por questões de gênero, classe, raça, entre outras que fazem com que determinados padrões se sobreponham a outros tendo maior destaque nas vivências de uma determinada sociedade e que, por sua vez, representam a ideologia de um período, já que ficam os registros a partir de disputas pela hegemonia.

Esse três níveis são importantes para que a análise cultural possa ser realizada, e diante disso, o protocolo analítico que considera o contexto amplo no qual a Comunicação está inserida é a análise cultural-midiática, que pode ser definida como:

[...] uma estratégia teórico-metodológica que faz o contexto ganhar protagonismo, revelando bastidores que nem sempre estão explícitos e, por isso mesmo, evidenciam interesses e tensões sociais ocultos responsáveis, muitas vezes, por explicar modelos e padrões sociais vigentes que perpetuam desigualdades e preconceitos. Dessa forma, para que a análise atinja uma profundidade crítica e de caráter político maior, torna-se imprescindível uma visão detalhada e abrangente dos aspectos que compõem o meio social, exigindo que se analise a mídia como elemento integrante da cultura de um período, frutos das suas condições de produção e tensionamentos sociais. (STEFFEN, HENRIQUES e LISBOA FILHO, 2020, p.27)

Evidencia-se, assim, a importância de encontrar espaços *online* onde existem a predominância da temática lésbica no audiovisual para que a aproximação com o objeto fosse realizada e o intuito de compreender o contexto midiático que estamos nos inserindo fosse realizado e, assim, tivéssemos um mapeamento de filmes brasileiros que têm personagens mulheres que se relacionam romanticamente com outras mulheres. Sendo assim, passamos para descrição dos três espaços *online* que utilizamos para chegar ao número de vinte e quatro filmes brasileiros que se enquadram nos limites de nossa pesquisa, ainda vale destacar que todos os filmes encontrados foram buscados posteriormente no banco de dados da Cinemateca Brasileira, para confirmarmos seus dados técnicos e sua verdadeira nacionalidade.

## Os espaços *online*

O primeiro espaço que destacamos é o Lesbocine<sup>6</sup> que, segundo definição do próprio *site*, é um projeto criado por mulheres lésbicas/bissexuais com o intuito de divulgar conteúdo sáfico no audiovisual. A proposta é criar um espaço para divulgação e discussões entre os amantes do cinema. Criado em dezembro de 2020, sua missão é expandir o conteúdo para todos os setores de mídia, priorizando representatividade e inclusão, aliando comunicação e entretenimento. O Lesbocine tem uma equipe variada com pessoas de vários estados brasileiros e algumas regiões dos Estados Unidos, assim como a colaboração das seguidoras nas redes sociais que auxiliam na divulgação e até na elaboração de conteúdos nas redes. Esse espaço possui *site*, além de conta nas redes sociais como Instagram, X. Dentro do *site*, conseguimos encontrar abas onde aparecem produções de diversos gêneros e países, além de postagens nas redes sociais com lançamentos e audiovisuais que se destacam dentro deste segmento.

A Lesboteca<sup>7</sup> é um *site* criado com intuito de servir como um catálogo e agrupar, em um único local, obras literárias de temática lésbica. Assim, podem ajudar as leitoras (e leitores) que procuram por representatividade e tropeçam nas dificuldades da invisibilização de obras e autoras. Diferente do anterior, neste encontramos também produções de outros âmbitos, como científicas e literárias, aqui a organização do *site* é em modelo de *blog*, sem muitas divisões por abas. Também existe uma conta no Instagram desse *site*.

O Clube Lesbo<sup>8</sup> é uma conta no Instagram que se dedica a divulgar conteúdos midiáticos os quais tenham personagens lésbicas ou bissexuais em seus enredos. Este espaço foi importante, pois aqui encontramos uma lista com mais de quinhentos títulos midiáticos que tiveram grande valia dentro do processo de mapeamento de filmes brasileiros com personagens lésbicas que nos propusemos realizar.

Nesses três espaços a busca foi efetiva, por se tratarem de bancos de dados produzidos especificamente para pessoas que têm interesse em assistir conteúdos que tenham no enredo relações entre mulheres. O trabalho foi garimpar os filmes que são brasileiros, fazendo isso de

---

<sup>6</sup> Disponível em <<https://lesbocine.com/>> Acesso em 11 de novembro de 2023.

<sup>7</sup> Disponível em <<https://lesboteca.com/>> Acesso em 11 de novembro de 2023.

<sup>8</sup> Disponível em <[instagram.com/clubelesbo](https://instagram.com/clubelesbo)>. Acesso em 06 de novembro de 2023.

modo manual, ou seja, foi observado cada um dos filmes citados nas plataformas e esses foram inseridos como dado dentro do mapeamento que estávamos realizando.

Ainda, ao coletarmos os dados, observamos que nesses três espaços *online* existem criação de comunidades entre quem produz e consome esses conteúdos, visto que se criam laços afetivos tanto em relação ao produto midiático que está sendo divulgado, quanto entre os frequentadores assíduos desses espaços. Isso se revela importante, pois há a criação de um senso de pertencimento, além do reconhecimento que essas pessoas encontram entre si e com os personagens dos produtos midiáticos que são mostrados nesses espaços. A produção de conteúdo dessas plataformas ancora-se nas produções midiáticas de outros ambientes que não são o *online*, mas essa união permite construir um elo representativo que funciona como um espaço para ecoar temáticas, identificações, reconhecimentos e discussões.

Cabe observar que os elos estabelecidos, vão muito além da materialidade virtual, pois mobilizam “a imaginação social das coletividades, potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.19). Dessa forma, esses espaços se mostram como um ambiente onde é possível perceber representatividade e o diálogo entre os sujeitos individuais cria redes comunicativas. A partir de suas próprias narrativas experenciais, há a formação de um coletivo afetivo unido, neste caso, pela temática de produções audiovisuais que tenham personagens lésbicas/sáficas/bissexuais.

Com esse tipo de estratégias de mobilização, forma-se um tipo de ativismo midiático e de narrativas experenciais que, por meio de seu discurso, ferramentas e estratégias de visibilidade (Ugarte, 2008), promovem a construção de representações midiáticas mais plurais e inclusivas e isso, como apontamos inicialmente, são características que unem e integram movimentos sociais engajados.

É nesse sentido que Rueda Ortiz (2012) sinaliza os laços sociais de ‘amizade’ e ‘afeto’ como pontos de consolidação das comunidades que se formam em rede. Uma vez que os indivíduos estão conectados por temáticas em comum, há a mobilização em torno disso e com isso a formação de comunidades *online* geram dinâmicas socioculturais neste ambiente que se caracterizam como elos entre os sujeitos participantes e pautas de mobilizações sociais. As três plataformas aqui apresentadas são espaços que mobilizam o pertencimento e difundem dinâmicas socioculturais.

## Considerações finais

Durante o processo de mapeamento, constatamos que esses espaços *online* funcionam muito além de apenas repositórios com sugestões de produções midiáticas. Existem ações que transbordam o individual e conectam os indivíduos em uma coletividade que os mobiliza e os une em torno dessas redes e dos seus conteúdos apresentados. Sendo assim, observamos que a interconexão dos usuários que se identificam com esses conteúdos cria laços sociais que os unem em uma rede de afetos e pertencimento, fazendo com que se crie uma dinâmica sociocultural de pertencimento entre essas pessoas.

Consideramos, ainda, que esses espaços *online* funcionam como uma forma de ativismo. Essas plataformas online promovem interação, visibilidade, laços de afetos que servem como alicerce para que esse ativismo, em um contexto midiático, seja também uma representação mais plural e com mais representatividade do que observamos em outros contextos midiáticos.

Desse modo, há a tentativa de moldar aspectos socioculturais e midiáticos, pois a sociedade, as representações, os estereótipos, os preconceitos, já estão constituídos e ações como as dessas plataformas servem como tentativas de mudanças desses aspectos. Esses aspectos mostram-se relevantes dentro do contexto dos Estudos Culturais, pois são formas de entender como aspectos socioculturais e midiáticos são debatidos a partir dessas ações *online* que interagem em diversos níveis com as produções midiáticas e produzem debates sobre a sociedade, as representações, os estereótipos, os preconceitos, etc.

## Referências

- BELELI, Iara. Eles[as] parecem normais: visibilidade de gays e lésbicas na mídia. *Revista Bagoas*, n. 04, 2009, pp. 113-130.
- CARVALHO, L. de; LISBOA FILHO, F. F. Representações LGBTQIA+ e estudos culturais: invisibilidades da diversidade de gênero em audiovisuais publicitários de moda. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, [S. l.], v. 13, n. 3, 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i3.1726. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1726>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- CLUBE LESBO. Sistemas de armazenagem. Instagram: Clube Lesbo @clubelesbo. Disponível em: <https://www.instagram.com/clubelesbos/> Acesso em: 21 de junho de 2022.
- CINEMATECA BRASILEIRA. Banco de Dados. São Paulo. Disponível em: <https://www.cinemateca.org.br/bases-de-dados/> Acesso em: 21 de maio de 2022.
- COLLING, Leonardo. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero* 8 (1), 207, 2007. 42, 2007.
- COULDREY, Nick. *Media, society, world: social theory and digital media practice*. Cambridge: Polity Press, 2012.
- FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Revista Bagoas*, n. 04, 2009, Nº 131-158.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- 
- LESBOCINE. Site da Internet. Disponível em: <https://lesbocine.com/> Acesso em: 25 de junho de 2022.
- LESBOTECA. Site da Internet. Disponível em: <https://lesboteca.com/> Acesso em: 25 de junho de 2022.
- LOURO, G. L. Cinema e Sexualidade. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6688>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Diversidade em convergência. *Matrizes*, v. 8, n.2, 2014. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/603>.
- RODRIGUES, A. I. As representações LGBTQIA+ na publicidade televisiva em tempos de pandemia. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 21, n. 46, 2022. DOI: 10.5902/2175497767203. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/67203>. Acesso em: 25 ago. 2023.

RUEDA ORTÍZ, Rocío. Ciberciudadanías, multitud y resistencias. In: LAGO MARTÍNEZ, Silvia (Org.). Ciberespacio y resistencias: exploración en la cultura digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012.

UGARTE, David de. O poder das redes. 2008.

STEFFEN, Lauren Santos; HENRIQUES, Mariana Nogueira; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação1. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo , v. 43, n. 3, p. 21-39, Sept. 2020 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-58442020000300021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442020000300021&lng=en&nrm=iso)>. access on 13 Jan. 2021. Epub Dec 04, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844202031>.

WILLIAMS, Raymond. La larga revolución. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,[1971], 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.